

# ROMANCE NORTE AMERICANO

*A Gazeta – 19 de setembro de 1943.*

*Transcrito da revista: Moços – sine die, dezembro de 1938.*

A literatura de ficção, no momento, vem atravessando nos Estados Unidos um período de sérias cogitações intelectivas.

Cartesianos, voltaireanos, hugonistas, tipos clássicos de épocas já passadas, homens de talento e coragem intelectual, homens de gosto amigos de Lawrence ou companheiros de Longfellow, sentem pela primeira vez o predomínio crescente dos “faubourgs”.

O homem atual dos Estados Unidos é o mediano. Só o indivíduo médio é capaz de entender a vida como ela se apresenta a nós burgueses ou homens de trabalho. Homens do mundo de conhecimentos exatos e certos de humanitarismo tradicional não encontram mais expressões para falar ao povo que antigamente os ouvia dentro de um ritual religioso inconcebível.

A América do Norte está mudada. E essa mudança surgiu de baixo para cima, atingindo fundamentos morais, regras de etiqueta mundana, direções intelectuais. Homens sem razão de existência. Bonecos do passado. Mortos na voragem do tempo. A liberdade cerceada, o pensamento amarrado a fórmulas políticas de censura policial, o grupo em vez do indivíduo, a verdade dissociada em seus elementos originários, não nos permitem contato com a beleza, que pensemos em poesia, que amemos o mundo e as coisas do mundo.

Não é só nos Estados Unidos. Também na América inteira. Aguirre Cerda, no Chile, começou a luta contra os intelectuais da direita. Como se para o homem da inteligência existissem dois mundos, como se todos nós não andássemos por aí atrás de sossego e felicidade, de paz espiritual e moral.

O intelectual da América representa esse trágico sentido de opressão. Não acredito também que a literatura deve ser uma zona neutra. Onde só impere o sonho e a fantasia. Mas o que pedimos e se exige por toda parte é um pouco de respeito, um pouco de respeito por essa gente toda que pelo espírito vem construindo os alicerces desta civilização ocidental. O palco literário é o reflexo do mundo inteiro e é por isso que a nossa literatura é tão triste, tão acanhada, tão fora da vida intensa, da vida humana. Parece mesmo que o homem, em nosso tempo, criou amores pelas espécies de artificialismo. Existe uma condição humana. Isso é que é útil. E que todos dela tomem conhecimento. Caldwell, por exemplo, que possui milhões de leitores, é um péssimo orientador. Bárbaro, sua vontade é desprezar o homem. Instintivo, reduz a natureza humana a simples contradições psicopáticas desinteressantes. No entretanto, esse homem, pela inteligência e tino de observação, somos obrigados a considerar como um dos tipos mais representativos do tempo que passa.

Michael Gold, cronista de poucos recursos, mas novelista de raras possibilidades, abandona sempre essas possibilidades numa tentativa de fazer do romance barricada de ideais políticos contraditórios.

No entretanto, existem três outros tipos inteligentes que, pelo equilíbrio e percepção rala da vida, podem, sem desdouro das idéias pouco aceitas, representar a inteligência da América moderna. São eles: Ernest Hemingway, Hervey Allen e James T. Farrell.

Hemingway, eu o considero o maior acontecimento literário dos Estados Unidos. O homem mais equilibrado que escreve na terra do Tio Sam. “Farewell to Arms” é tão vivo de sentido como “The Torrent of Spring”. Romances intensos que afastam toda probabilidade de se esquecer um autor de tamanho temperamento emocional.

Hervey Allen, o crítico de Edgar Poe, criou uma fantasia muito conhecida do Brasil: “Anthony Adverse”. Não interessa nesse caso o romance em si mas a construção ideal, a inspiração que anima o escritor, a fuga do mundo moderno, uma fuga espavorida para no mundo sonhado encontrar as mesmas misérias e sofrer os mesmos martírios. O romance parece querer vir provar que o homem é que faz o mundo e que enquanto existir o homem o mundo não se transmutará.

James Farrell, como criador da literatura proletária moderna dos Estados Unidos, não lança mão, como Michael Gold e seus discípulos, de literatura obscena, fora de uso e longe do comércio. Fala com critério dos humildes, escreve sobre o povo com quem vive, sem usar palavrões, o que o fez um dos mais lidos escritores entre as classes privilegiadas.

Benjamin Appel, John dos Passos, Amy Lowel, Robert Frost, Val Lewton, Dreiser, etc., etc., uma geração inteira inspirada no mesmo ambiente de formação de Farrell, Hemingway e Allen.

Estes três últimos são os artistas do senso político e da compreensão dos agudos problemas sociais. Não entram na luta pelo prazer de lutar mas sempre em defesa de um princípio sagrado de vida. Para mim, eles representam, pelo arrojo intelectual e galhardia de espírito, a classe média dos Estados Unidos. São eles assim quem tornaram possível o equilíbrio da sociedade americana, enlaçando ricos e pobres, escrevendo para eles, orientando e educando ao contrário do que faziam os dois tipos representativos das extremas, Waldo Frank e Michael Gold.